

Nome do curso superior já não garante emprego

Saídas. Com o desemprego a subir, esforço do aluno e prestígio da faculdade que frequenta valem muito mais do que o nome do curso

PEDRO SOUSA TAVARES

Excetuando Medicina (após o internato) e Engenharia Biomédica, já não existem cursos de empregabilidade garantida. Numa altura em que o desemprego até tem crescido mais rapidamente entre os diplomados, o que ainda faz a diferença, além do desempenho individual do aluno, são os nomes de algumas universidades e, dentro destas, certas escolas, com fama de formar trabalhadores prontos a vencer.

Um exemplo de faculdade em alta é a School of Business and Economics, da Universidade Nova de Lisboa. O nome, recém-adoptado, diz tudo sobre as ambições da instituição, que já está em 39.º lugar no *ranking* da categoria do jornal *Financial Times (FT)*: "Queremos afirmar-nos como uma das melhores escolas de economia da Europa", diz ao DN Rita Mendia, responsável pelo departamento de carreiras da faculdade.

Com uma taxa de empregabilidade de 100% após seis meses entre os alunos de mestrado, esta escola tem 700 empresas inscritas na sua bolsa de emprego, em que publica mil ofertas por ano. E, mais do que ajudar os alunos a encontrar trabalho, preocupa-se em encaminhá-los para a área certa. "53% dos alunos aceitam ofertas antes de terminarem o curso, mas o que procuramos é, enquanto estão cá, fazer a ponte entre eles e o mundo empresarial, para que descubram por si

próprios a sua vocação." Rita Mendia considera que os alunos da escola, em que se incluem 20% de estrangeiros, "são muito bons, estão bem preparados e são flexíveis: podem trabalhar aqui, na China, em São Paulo, não interessa".

Também a Universidade Católica (UCP) tem plena empregabilidade entre os mestres da Lisbon School of Business, ainda mais bem cotada (33.ª) no *ranking FT*: "83% desses alunos chegaram mesmo a receber duas ofertas de emprego e 22% receberam três ou mais ofertas", disse fonte da instituição, que conta ainda com níveis próximos dos 100% em áreas como a Engenharia e o Direito.

Já ao nível dos desempenhos globais de uma universidade, a Técnica de Lisboa é provavelmente a mais bem cotada, com 95% dos alunos no mercado ao fim de um ano. Mais raro é haver universidades a analisar não só o acesso mas a permanência no mercado. Segundo a Universidade de Lisboa, apenas 2,8% dos seus diplomados dos últimos seis anos não têm emprego. A Universidade do Porto, num inquérito que recua a 2004/05, concluiu também que 83% dos ex-alunos estão empregados.

'Marca' não chega

O certo é que mesmo o nome da instituição não garante emprego para formações que o mercado de trabalho não está a absorver. Os últimos dados do Gabinete de Planeamento (GPEAR) do Minis-



CURSOS COM MAIS DESEMPREGADOS (DIPLOMADOS DE 2009 A 2011)

UNIVERSIDADE	CURSO	N.º DE DESEMP.
Instituto Superior de Serviço Social do Porto	Serviço Social	67
Univ. Católica Portuguesa - Fac. Ciências Sociais	Serviço Social	83
ISPA - Inst. Univ. de Psicologia Aplicada	Psicologia	58
IISPA - Inst. Univ. de Psicologia Aplicada	Ciências Psicológicas	57
Escola Superior de Artes e Design	Design	47
Inst. Superior de Saúde do Alto Ave	Enfermagem	45
Univ. Fernando Pessoa - Esc. Sup. Saúde	Enfermagem	44
Inst. Port. Adm. e Marketing (Matosinhos)	Gestão de Marketing	42
Esc. Sup. Saúde Jean Piaget/Nordeste	Enfermagem	42

tério da Educação e Ciência (MEC), relativos a diplomados entre 2009 e 2011, mostram os cursos de Serviço Social do Instituto de Serviço Social do Porto e da Católica no topo dos inscritos nos centros de emprego, respetivamente 67 e 63. A Psicologia e a Enfermagem são outros exemplos de formações para as quais parece existir uma crise de procura (*ver tabela*), independentemente do nome da instituição.

Já alargando o leque a todos a todos os diplomados da última década, desde 2001 as ciências empresariais são as que mais contribuem para a lista de desempregados (16,3%), seguindo-se as ciências sociais e do comportamento (11,8%) e as formações de professores (10,6%).

Números que refletem as atuais dificuldades de absorção de trabalhadores qualificados nalguns setores, de que é exemplo maior o caso dos professores, que têm sentido o impacto da redução drástica de efetivos que o Ministério da Educação tem promovido neste século. Isto apesar de os cursos de educação até estarem a reduzir a oferta de vagas há pelo menos quatro anos.

O que o mercado quer agora pode mudar

ALERTA Especialistas avisam que ter diploma continua a ser muito melhor, e que pode ser perigoso desinvestir nalgumas áreas

Para Natália Alves, socióloga da educação da Universidade de Lisboa, e uma das pioneiras dos inquéritos à empregabilidade dos alunos, a atenção ao futuro profissional dos alunos é hoje "uma questão incontornável" para as instituições, até porque "os dados [do desemprego] são públicos".

No entanto, avisa, condicionar a oferta ao que o mercado pede é "um risco enorme. O que o mercado quer agora pode não ter nada que ver com o que lhe fará falta no futuro", diz. "Agora é normal que não exista trabalho no Serviço Social, porque é uma área que depende da oferta estatal e das IPSS, estando ambos em contenção. O mesmo se pode dizer dos engenheiros, dos enfermeiros. São tendências."

O perigo, acrescenta, é que uma lógica demasiado virada para o mercado "possa levar ao desinvestimento em áreas que têm um papel muito importante, como as ciências sociais".

Também António Rendas, reitor da Nova e presidente do Conselho de Reitores (CRUP), sublinha que os cerca de 44 mil diplomados no desemprego continuam a ser uma gota no oceano de meio milhão de portugueses nessa situação: "As pessoas qualificadas representam uma enorme mais-valia para qualquer empresa."

Por também representarem salários mais altos, acrescenta, "nesta fase de contração económica, as empresas também estarão a contrair-se e a abrandar a contratação dos recursos humanos mais qualificados. Mas esta é uma mera reação conjuntural das empresas, sendo a exceção e não a regra", garante. António Rendas defende ainda que "nunca as universidades acompanharam tanto" os seus diplomados.

DESEMPREGADOS POR GÉNERO, JUNHO DE 2011 (CONTINENTE)

Género	Total de desempregados		Desempregados com habilitação superior	
	N.º	%	N.º	%
Masculino	229 283	46,4	14 384	33,6
Feminino	265 043	53,6	28 373	66,4
TOTAL	494 326	100	42 757	100

Fonte: Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P.

SUCESSO IMEDIATO

“Vejo-me a fazer carreira no estrangeiro”

ACIMA DA MÉDIA Inês Serra licenciou-se em Economia, com média de 17 valores, começou a trabalhar em Londres, como *trader* de moeda na Morgan Stanley, uma das maiores instituições bancárias do mundo, e prepara-se para defender a tese de mestrado, em fevereiro, na Nova School of Economics, esperando desde já uma nota “entre os 16 e os 17 valores”.

Aos 22 anos, apesar de apenas estar a dar os primeiros passos na sua carreira, já tem um percurso inatingível para muitos profissionais da sua área. Mas mantém os pés assentes na terra, preferindo focar-se em garantir que não vai desiludir as altas expectativas criadas à sua volta: “Quero continuar nesta área durante vários anos e sei que em Portugal não teria uma oportunidade igual à que estou a ter. Nos próximos cinco anos vejo-me a fazer a minha carreira no estrangeiro”, adianta.

Sem desvalorizar o próprio esforço, Inês elogia o papel da School of Business and Economics da Nova na sua trajetória. “A



Inês Serra
22 anos
ECONOMIA 17 valores
O que fez a diferença:
desempenho

escola foi superimportante. No mestrado, temos vários módulos que nos ajudam a procurar a área certa. Desde Economia, Finanças, Consultoria... Num desses módulos, a Morgan Stanley trouxe à faculdade ex-alunos da Nova. Mais tarde corri a um estágio de verão.”

Consegui ser aceite na instituição, num processo que envolveu várias etapas, com muitos candidatos a ficarem pelo caminho. Mais tarde, entre colegas das melhores universidades da área na Europa, consegui sobressair. Diz que a formação foi decisiva: “Em relação a colegas de estágio de outros países, senti que temos um ensino mais virado para a prática, para a utilização dos meios, E isso fez toda a diferença.”

“Uns choram outros vendem lenços”

TRABALHADOR Com 28 anos, Ricardo Gomes é engenheiro da empresa de construção Jular, onde trabalha já há seis anos no projeto Tree House (primeiras casas pré-fabricadas de madeira portuguesas). No “tempos livres”, este antigo forçado cria cavalos lusitanos, numa propriedade do pai, no Alentejo, e está a finalizar a tese de mestrado na Católica.

“Sempre fui um bocado acelerado”, confessa este engenheiro civil que fez o curso a trabalhar e tinha uma oferta de trabalho, da atual empresa, no dia em que se licenciou, aos 22 anos.

“O meu pai sempre cultivou nos filhos a ideia de que temos de trabalhar para ter sucesso. Ele está ligado à construção e também já trabalhei na área. Quando lhe disse o curso que queria seguir, disse-me: ‘Ninguém é engenheiro civil sem conhecer uma obra’”, recorda o jovem licenciado.

Na empresa, a experiência de terreno foi uma vantagem: “Fez toda a diferença. Ainda hoje sou o segundo engenheiro mais novo, mas não sinto que me tratem de



Ricardo Gomes
28 anos
ENG. CIVIL 13 valores
O que fez a diferença:
rotina de trabalho

forma diferente por isso. Quando entrei, talvez tivessem dúvidas sobre as minhas capacidades, mas quando falaram comigo, e perceberam que sabia alguma coisa do assunto, essa imagem desapareceu.”

Numa altura de crise, em que muitos engenheiros civis estão sem trabalho, Ricardo Gomes prefere destacar os aspetos positivos que encontrou no sector. Fala da “internacionalização” da empresa onde trabalha e destaca a aprendizagem do trabalho sob pressão: “Acho que nunca evolui tanto como no último ano.” Uma filosofia que sintetiza com mais uma máxima herdada do pai: “Em tempos de crise, uns choram e outros vendem lenços. Eu sou dos que querem vender lenços.”

“Por alguma razão fui para o contencioso”

TALENTOSO Não há muitos estagiários de advocacia que se possam orgulhar de ter aparecido em quase todos os órgãos de comunicação social portugueses. Gonçalo Carrilho é um desses casos raros. Falar em público não o intimidou nada.

Com 22 anos, o ainda presidente da Associação Académica da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, recém-licenciado em Direito com a média de 16 valores, ainda dá os primeiros passos na sociedade de advogados Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados, mas a sua ca-

pacidade de argumentação já deve ser conhecida até pelo bastonário dos advogados, António Marinho e Pinto, que o ouviu protestar mais do que uma vez contra os exames de acesso à Ordem. “Agora parece que também terei de os fazer”, brinca.

Ainda a “apalpar terreno” na firma e a estudar as “várias possibilidades” que a carreira tem para oferecer, Gonçalo, que toda a vida se conheceu a envolver-se



Gonçalo Carrilho
22 anos
DIREITO 16 valores
O que fez a diferença:
talento e esforço

“em causas”, não esconde uma certa inclinação para a barra dos tribunais, onde poderia aproveitar melhor o dom para a oratória: “Por alguma razão fui coloca-

do no contencioso”, confessa.

Para já, a par das médias altas, não tem muitas dúvidas de que o seu percurso até ao momento lhe facilitou o acesso ao mercado de trabalho: “Acabei o curso e no dia seguinte estava a começar o estágio. Sei que não é muito fácil consegui-lo”, admite.

No entanto, Gonçalo também não esquece a universidade: “No caso da Faculdade de Direito, temos a vantagem de ter muitos professores que estão ligados a grandes escritórios.” E há um “trabalho de aproximação” dos alunos ao mercado.



Serviço Social e Enfermagem estão a sentir o impacto da crise económica

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

GABINETES DE APOIO

Encontro nacional à procura de soluções

Mais de 40 mil licenciados desempregados fizeram aumentar a procura dos gabinetes de saídas profissionais das universidades, que se reúnem hoje e amanhã na Foz do Arelho. Uma das propostas do encontro é organizar uma rede nacional de gabinetes de saídas profissionais das várias instituições.

Curso de Medicina é dos únicos a dar emprego garantido

CRISE Com o desemprego a subir, o esforço do aluno e o prestígio da faculdade que frequenta valem muito mais do que o nome do curso. Ainda assim, ter diploma é melhor do que não ter. **PAÍS** PÁGS. 14 E 15